

## **A GUERRA DO CONTESTADO: EXPRESSÃO DA BARBÁRIE EM RELAÇÃO À DEFEZA DE UMA FORMA-DE-VIDA**

Dr. Sandro Luiz Bazzanella<sup>1</sup>  
Dr. Alexandre Assis Tomporoski<sup>2</sup>  
Doutoranda Krishna Schneider Tremi<sup>3</sup>

### **APRESENTAÇÃO DO TEMA**

A presente pesquisa vinculada a filosofia política de Giorgio Agamben (1942), procura compreender a barbárie inscrita na nomeação do conflito em torno da defesa de uma forma-de-vida presente na região que se transformou no palco do conflito do Contestado (1912-1916). A violência da nomeação do conflito como Guerra do Contestado se apresenta como tentativa de aniquilação física e moral de uma forma-de-vida que pela sua simples condição de existência afrontava interesses oligárquicos locais e regionais, bem como interesses do capital naquele contexto. Assim, o nome “oficial” atribuído ao conflito como “Guerra do Contestado”, por parte dos vencedores, tinha (ou ainda tem) entre outros objetivos: a) impedir o testemunho e apagar da memória das práticas comunitárias, que promoviam uma forma-de-vida alheia aos imperativos da marcha em direção ao progresso característico da modernidade; b) condenar ao esquecimento a violência imputada à população cabocla; c) justificar nacionalmente e internacionalmente o massacre dos caboclos como “baixas de guerra”; d) transformar o conflito e o palco da Guerra do Contestado em objeto e produto turístico a ser consumido por ávidos aligeirados turistas; e) justificar as práticas do modo de acumulação do capital características das sociedades capitalistas. Trata-se de reconhecer que a incessante e ininterrupta promoção da marcha do progresso tem como exigência fundamental a destruição das formas-de-vida que se apresentam comprometidas com a dignidade da vida em sua multiplicidade de formas de manifestação.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Humanas (UFSC). Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNC. E-mail: [sandro@unc.br](mailto:sandro@unc.br).

<sup>2</sup> Doutor em História pela UFSC. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (PPGDR/UNC). E-mail: [alexandre@unc.br](mailto:alexandre@unc.br).

<sup>3</sup> Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UNC). Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UNC). Graduada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: [krishna\\_schneider@hotmail.com](mailto:krishna_schneider@hotmail.com);

Nomear é significar, impor aquilo que é ou que deve ser. O dispositivo da linguagem, ao capturar o animal em sua mera animalidade o inclui na condição de humano. Assim, o homem é o animal que possui Voz que lhe permite nomear, conferir signos, significados e, por decorrência nomes aos entes, aos fenômenos e fatos em seu entorno. Assim, o ser humano pode ser considerado aristotelicamente como resultante do dispositivo da linguagem. Sob tais circunstâncias, encontra-se numa condição nunca completamente realizado em função da potência da linguagem remetendo-o a condição de um ser falante, que ao apreender o mundo nomeando-o, deixa-o escapar nos limites da própria linguagem. Situada neste âmbito, a experiência da linguagem que funda o humano é uma experiência ética e política.

A partir destes argumentos cabem questionamentos em relação ao nome atribuído ao conflito “Guerra do Contestado”: O que é a guerra? O que caracteriza a guerra? A quem e porque foi atribuído o nome Guerra do Contestado? Quem atribuiu o nome de Guerra do Contestado e que motivações justificaram tal nomeação? Que discursos e práticas se justificam sob o nome “Guerra do Contestado”? Situar tais questões significa apresentá-las como indícios e possibilidade de olhares e leituras diferenciais às versões consagradas que promoveram a compreensão do conflito que ocorreu no Planalto Norte Catarinense e Sul do Paraná- Brasil, nas primeiras décadas do século XX, nomeado de Guerra do Contestado (1912-1916).

## **Objetivos**

Interpretar a Guerra do Contestado a contrapelo em relação às narrativas oficiais promovidas pelo braço coercitivo do Estado brasileiro.

Demonstrar que entre as inúmeras formas de manifestação da violência estatal brasileira, a violência simbólica se apresenta, no caso específico na nomeação do conflito com intuito de aniquilação da memória social.

Compreender a trajetória da sociedade brasileira marcada pela continuidade de um *ethos* escravocrata forjado pelas elites oligárquicas e, que se manifesta em brutais formas de violência contra grupos sociais e indivíduos que ousam questionar este *modus operandi*.

Analisar a violência da Guerra do Contestado como manifestação da violência justificada no contexto de um estado de exceção característico das relações de poder no âmbito das estruturas societárias da modernidade ocidental.

Questionar o nome atribuído pelo discurso estatal oficial como Guerra do Contestado, como forma de resgatar a memória, as lutas por emancipação dos seres humanos do movimento do Contestado como expressão das seculares lutas dos brasileiros contra a violência oligárquica e do capital.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta análise filosófico-histórica é a pesquisa bibliográfica. Ao longo dos estudos e da pesquisa foram consultados artigos científicos, capítulos de livros, livros, sites da internet de reconhecidos autores que abordaram o tema e aspectos teóricos e conceituais relativos ao objeto de pesquisa. A escolha pela metodologia bibliográfica de pesquisa se apresenta como oportunidade de análise e reflexões de teorias, conceitos advindos de pesquisas consolidadas sobre o tema abordado neste artigo. Desta forma, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisado reconhecer adequadamente o estado da arte em torno da temática pesquisada, bem como participar dos esforços na ampliação dos conhecimentos já consolidados sobre a temática em questão.

## **Resultados**

Apresentar à comunidade acadêmica e à comunidade em geral uma leitura a contrapelo da Guerra do Contestado em relação à leitura e interpretação imposta pelas forças coercitivas do Estado Brasileiro, bem como pelas elites locais e regionais à sociedade brasileira, expressa na nomeação do conflito como “Guerra do Contestado”.

Nesta direção, demonstrar que a lógica do desenvolvimento assentada sob as premissas modernas da marcha ininterrupta do progresso técnico-científico, da racionalidade instrumental e, sua aposta, senão crença, de prover “qualidade de vida” aos povos e populações como decorrência da reprodução e acúmulo do capital, contém em si os germes fascistas, de violência deliberada sobre comunidades, culturas e povos que possam se apresentar como potenciais questionadores da marcha do desenvolvimento.

Sob tais prerrogativas, pretende-se demonstrar, por meio do questionamento oficial do conflito como Guerra do Contestado, as bases fascistas sobre as quais se

assenta a lógica do desenvolvimento regional e, urgente necessidade de paralisar a máquina do desenvolvimento em sua reprodução cotidiana da violência.

## **Conclusão**

No âmbito local, que as relações de poder se manifestam na cotidianidade da vida de indivíduos e comunidades. O sentido das relações de poder se intensifica no plano regional e alcança sentido na ideia de Nação. Ou seja, investigar as condições e as possibilidades do desenvolvimento local e regional requer a análise e a busca por compreensão das relações de poder que permeiam a organização social no plano regional. Ou dito de outra forma, investigar a constituição das relações de poder, as disputas de poder entre determinados grupos sociais, a violência perpetrada pelos grupos vencedores sobre os vencidos, as narrativas sociais impostas socialmente, as formas de silenciamento das narrativas dos vencidos no plano local e regional, consiste em reconhecer traços constitutivos da conformação das relações de poder em âmbito nacional.

Sob tais pressupostos, se trata de investigar, senão de reconhecer em toda e qualquer proposta de desenvolvimento local e regional a manifestação da violência, seja ela simbólica, institucional, trabalhista, ou mesmo coercitivamente direta, na forma da ação dos aparelhos policiais, militares e judiciais pertencentes ao Estado. Ou ainda, de investigar a violência como estratégia inerente ao modo de reprodução e concentração do capital. Trata-se, enfim, de reconhecer nas estratégias discursivas e práticas do desenvolvimento em todas as suas escalas, do local ao global, um traço fascista, que se manifesta na violência que se abate sobre indivíduos, grupos, ou formas de vida que porventura possam apresentar-se como resistência às propostas de desenvolvimento em curso.

Nesta direção, trata-se de investigar, à luz das contribuições da filosofia em diálogo com a historiografia, a manifestação da violência simbólica expressa na nomeação da “Guerra do Contestado” pelas forças estatais “vencedoras” do conflito, como forma de aniquilação de uma forma de vida local e comunitária, que pela sua mera existência e experiência questionava a lógica fascista do desenvolvimento advinda da modernidade em seu afã de domínio e exploração da vida natural e humana como estratégia de acúmulo e reprodução do capital.

## **Referências**

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Tradução de Henrique Burigo. – Belo Horizonte UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim: notas sobre a política**. Tradução de Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó/SC: Editora Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BAZZANELLA, Sandro Luiz; MARCHESAN, Jairo; TOMPOROSKI, Alexandre Assis Tomporoski. **TERRITÓRIO DO CONTESTADO: Aspectos históricos do processo de marginalização**. *Revista Húmus* vol. 10, num. 27, 2020.

BAZZANELLA, Sandro Luiz; MARCHESAN, Jairo; TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **TERRITÓRIO DO CONTESTADO: aspectos históricos do processo de marginalização**. *Revista Húmus*, 10(28). 2020.

KARVAT, Jaciel Santos; MARCHESAN Jairo; TREML, Krishna Schneider; BAZZANELLA, Sandro Luiz. **BIOPOLÍTICA, DESENVOLVIMENTO E A EXCLUSÃO DA VIDA SEVERINA**. *Revista Profanações*. Volume 9, p. 481-501, 2022.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o Conceito de história”**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brandt. Tradução das teses Jeanne Marie Gagnebin; Marcos Luiz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MARCHESAN, Jairo. TREML, Krishna Schneider; BAZZANELLA, Sandro Luiz Bazzanella. **BIOPOLÍTICA DESENVOLVIMENTO, INSEGURANÇA, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA**. *Revista (des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, jul./dez. 2022.

RODRIGUES, R. R.; MACHADO, P. P.; TOMPOROSKI, A. A.; VANELNTINI, D. (Org.); ESPIG, M. J. (Orgs.). **A guerra santa do Contestado tintim por tintim**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2023. v. 1. 536p.

TOMPOROSKI, A. A.; MUCHALOVSKI, E. G.; GERONI, I. M.; LIMA, P. B. C. Entre o invisível e o 'herói': Novos olhares sobre o Movimento Sertanejo do Contestado. **REVISTA PROFANAÇÕES**, v. 1, p. 119-136, 2019.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **Os costumes no planalto catarinense: dos embates no movimento sertanejo do Contestado à luta contra as imposições do capital estrangeiro (1912-1919)**. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS* Vol. 7 Nº 14, dezembro de 2015.